

A GENEALOGIA COMO PROJETO DE NATURALIZAÇÃO DA MORAL EM NIETZSCHE

José Carlos Silva Rocha Costa*

Resumo: O artigo visa relacionar a metodologia assumida por Nietzsche em seus escritos de maturidade, denominada de genealogia da moral e o seu naturalismo filosófico. Tomando como ponto de partida a crítica direcionada ao pensamento metafísico, isto é, da rejeição de uma realidade que se pretende mais verdadeira do que a que experimentamos, Nietzsche nos apresenta um pensamento “desdivinizado” que requer uma interpretação naturalista de todos os valores. O texto foca no método genealógico como processo e preparação do intelecto para o que Nietzsche denomina de futura objetividade filosófica.

Palavras-chave: Genealogia. Moral. Naturalismo. Filosofia.

45

1. INTRODUÇÃO

O naturalismo de Nietzsche como também seu projeto filosófico, pode ser resumido no aforismo 125 de *A Gaia Ciência* (1882), intitulado “O homem louco”. Esse fragmento descreve, de forma não conceitual, a representação de um insensato que invade a praça do mercado com uma lanterna na mão e anuncia a perturbadora sentença: Deus está morto! Nietzsche não tem o interesse de provar a não existência de Deus, mas sim apontar o niilismo da modernidade, a falta de confiança do homem moderno nos valores outrora absolutos. A morte de Deus é o fim da plausibilidade da ideia judaico-cristã dos valores divinos, expressa na sutil suspeita de qualquer realidade metafísica, religiosa ou moralmente

* Licenciado em filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Possui *Especialização em filosofia da natureza*, pela mesma instituição. Atualmente é professor efetivo vinculado à Secretaria de Educação do Estado da Bahia no Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal II - CETEP. E-mail: carlos23412010@hotmail.com.

fundamentada no suprassensível. Em síntese, a morte de Deus se traduz na desconfiança da existência de uma realidade mais “verdadeira” e “superior” a essa em que vivemos.

Diante desse diagnóstico da cultura e a constatação da ruptura com as essências e com o alicerce divino, o insensato salta entre os homens do mercado e aponta o assassino de Deus. Ao questionar para onde ele foi, em seguida, o homem louco responde: nós o matamos! O assassino é facilmente identificado, o homem moderno e reativo é o culpado pela substituição da teologia pela ciência. A bem-aventurança celeste foi substituída pelo bem-estar terreno, a autoridade da igreja foi destronada pela razão e pela crença no progresso histórico. No entanto, esse mesmo homem, infiel aos valores divinos, pode sê-lo também em relação à terra. Para evitar essa infidelidade Nietzsche apresenta o super-homem no *Assim Falou Zarathustra* (1883), como afirmação desse mundo, ou seja, como conformação do homem ao mundo natural.

A desvalorização moderna de todos os valores superiores em nome do progresso científico é para Nietzsche uma continuação niilista da negação da vida iniciada pela moral judaico-cristã. A saída afirmativa do filósofo é o super-homem como sentido da terra, como diretriz fundamental de seu naturalismo filosófico, isto é, a afirmação sensível da única modalidade de mundo que experimentamos. A interpretação da expressão “a morte de Deus” poder ser encarada como o ponta pé inicial de seu naturalismo filosófico na medida em que investiga as explicações e interpretações de todas as coisas humanas, mas sem fazer referência a nada além dos processos e transformações inteiramente mundanos.

46

2. GENEALOGIA ENQUANTO MÉTODO

A compreensão do termo “genealogia” é fundamental nos textos de maturidade de Nietzsche. Em linhas gerais o termo pode ser caracterizado como um novo método de investigação e sintetiza bem o modo de exposição de sua filosofia. A etimologia do termo “genealogia” compõe-se do prefixo *gen* ou *gene* e remete a herança genética de antepassados que constituem os progenitores ascendentes de um indivíduo. Ao se somar ao sufixo *logia* (comumente traduzido por estudo), o termo denota o

conhecimento da linhagem ou descendência, que pode ser de um indivíduo ou tronco familiar. Nietzsche é o primeiro pensador a utilizar essa terminologia na filosofia conservando o sentido de investigação pelas “origens”. É a partir dessa apropriação específica que suas lentes de genealogista se voltam para localizar, nas origens dos valores morais, o fundamentado “natural-histórico” dos valores. O resultado de sua busca revela que os valores são historicamente constituídos a partir de combinações e variações culturais e sociais contingentes.

Com a publicação do seu escrito polêmico *Genealogia da moral* (1887), o método histórico-genealógico caracteriza de forma decisiva sua filosofia com uma nova exigência de avaliação das diferentes morais, sobretudo as formas de avaliação que se encontram na moral moderna. A mudança de perspectiva que Nietzsche trouxe para a filosofia contemporânea se acentua na investigação de todo o processo que possui devir, em detrimento da tradicional busca filosófica pela essência e verdade a-histórica. Ele preencheu uma lacuna existente no modo de pensar dos filósofos precedentes: “[...] todos eles pensam, como é velho costumes entre filósofos, de maneira *essencialmente* a-histórica; quanto a isso não há dúvida” (NIETZSCHE, 1998, p. 18). 47

Enquanto procedimento prático, a genealogia desmistifica os valores da moral metafísica judaico-cristã e os traz novamente para a terra, para o domínio da vida. O resultado imediato e mais visível é a destituição dos seus anexos metafísicos da moral e o início de uma nova abordagem a partir do campo das coisas humanas. Essa mudança de perspectiva possibilita a crítica sobre o significado desses valores como sintoma, enquanto possibilidade de superação de uma moral niilista e abre caminho para os novos valores, aqueles que promovem, na caracterista linguagem nietzschiana, o crescimento da vida no homem, de sua certeza de futuro, da vontade de potência.

O olhar genealógico sobre os valores, no caminho da lição de Darwin¹, significa pensar o homem inserido no ambiente que lhe é próprio, ou seja,

¹ Seria um equívoco relacionar uma possível adesão “cientificista” no pensamento de Nietzsche, tendo em vista sua crítica direcionada à relação da “verdade” científica com a metafísica. Entretanto, entendemos que o método genealógico do filósofo só é compreensível quando contextualizado com as descobertas fundamentais de Darwin sobre a origem do homem. Sobre essa relação polêmica, Frezzati, Wilson. *Nietzsche contra Darwin* (2014).

o mundo biológico natural. Ao observar a história em contraste com a metafísica, o genealogista conclui que os valores não carregam qualquer “origem miraculosa” transcendente (*Wunder-Ursprung*²). A grande novidade do método é revelar a “origem” (*Herkunft*) dos valores escondidos na moral para tornar evidente que os valores não caíram de nenhum céu platônico ou cristão, mas que foram criados pelos homens. A prática genealógica é necessária pois é preciso ter conhecimento das condições e das circunstâncias nas quais estes valores foram forjados, evidenciando-se assim, a importância de um filosofar histórico e informado pelas ciências.

A nova metodologia de Nietzsche se caracteriza por dois aspectos. Primeiramente, o método genealógico se configura como uma investigação regressiva das pulsões ou instintos que deram origem a uma determinada moral, religião ou filosofia enquanto fontes de valor ou interpretações. O segundo aspecto é a consequência do primeiro e se caracteriza pela investigação do valor dos valores, constituindo, desta forma, uma *nova exigência* descrita por Nietzsche no prefácio da *Genealogia da moral*:

Enunciemo-la, essa *nova exigência*: necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, o *próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* - para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (NIETZSCHE, 1998, p. 12, grifos do autor).

48

² No primeiro parágrafo de *Humano, demasiado humano* (1878), Nietzsche utiliza o termo (*Wunder*) “milagre” e (*Ursprung*) “origem” que carregam em si o sentido metafísico de origem miraculosa em contraponto com o termo (*Herkunft*) “proveniência” que, ordinariamente, é traduzido como “origem” mas que remete a uma análise da filosofia histórica que caracteriza melhor que (*Ursprung*) a investigação genealógica. Ironicamente, no prólogo do seu escrito polêmico, Nietzsche remete a imaturidade da pesquisa de (*Ursprung*) e sua infância quando, com treze anos, se perguntava sobre a origem do mal e atribuía a Deus tal origem. Não por coincidência, o termo marcará outras genealogias, a exemplo do livro do seu amigo Paul Rée sobre *A origem dos sentimentos morais* (*Ursprung der moralischen Empfindung*).

A investigação dos valores enquanto sintomatologia da vontade de potência busca a “origem” (*Herkunft*) das condições que o homem criou para si o par axiológico dos valores “bom” e “mau” e discute qual o valor que esses valores carregam no sentido da promoção ou obstrução da vida.

Por fortuna logo aprendi a separar o preconceito teológico do moral, e não mais busquei a origem do mal *por trás* do mundo. Alguma educação histórica e filológica, juntamente com um inato senso seletivo em questões psicológicas, em breve transformou meu problema em outro: sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (NIETZSCHE, 1998, p. 9, grifos do autor).

Nietzsche é o pensador da filosofia dos valores ou filosofia da vida. Essa visão de mundo, explicitada através da prática do método genealógico, permite fazer a distinção entre duas esferas distintas da origem dos valores. Por um lado, a moral dos senhores; por outro, a moral dos escravos. Enquanto a primeira moral valoriza a afirmação desse mundo e da vida forte, sadia, transbordante, cujos impulsos coadunam e explicitam uma superior vitalidade de vontade de domínio, a moral dos escravos, em contrapartida, é a moral da negação desse mundo em nome de uma transcendência, de um além, de um céu, caracteriza-se pela falta de confiança nessa vida terrena e é sintoma de uma vontade cansada e enfraquecida. 49

Ao relacionar a tendência natural de avaliar e a tendência natural de criar valores, Nietzsche apresenta uma hipótese a partir da qual é possível afirmar que foram as avaliações que criaram o primeiro par axiológico “bom” (*gut*) e “ruim” (*schlecht*). Para Nietzsche, estas expressões originalmente foram cunhadas a partir de uma forma nobre de avaliação, enquanto sintoma de uma fisiologia saudável afirmativa, de um corpo onde predominam forças ativas que anseiam por expansão e afirmam esse mundo.

Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em posição tudo que era baixo, e vulgar e plebeu. Desse *pathos de distância* é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores (NIETZSCHE, 1998, p.19, grifos do autor).

Por outro lado, o segundo par: “bom” (*gut*) e “mau” (*böse*) se originou a partir da perspectiva avaliadora dos ressentidos, enquanto vontade que diz não ao outro. De forma similar é expressão de uma avaliação, mas cuja origem está em um corpo que fisiologicamente degenera e, por isso, está distante de uma forma de vida expansiva e criadora. Enquanto a moral nobre, segundo Nietzsche, se caracteriza pela equação: (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), a rebelião judaico-cristã inverte os valores e a equação passa a ser: (bom = sofredor = pobre = indefeso = humilde).

A esta inversão, a saber, “os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...” (NIETZSCHE, 1998, p. 26).

50

A análise de Nietzsche conclui que a inversão de valores ocorreu pela primeira vez através dos olhos do ressentimento do sacerdote, especificamente quando os valores nobres foram retocados e reinterpretados. Em outros termos, os valores da moral escrava não tem origem na criação, como expansão de si de uma vontade afirmativa, mas na reação, ou seja, na interpretação de valores já instituídos, como fito de negá-los. Essa oposição no ato de valorar/criar se expressa de modo diferente em cada uma das castas, como descreve Julian Young:

[...] autoconfiança transformou-se em egoísmo, a força em barbárie, o hábito de comandar em arrogância, a verdade em crueldade e assim por diante. Por outro lado, com a imitação da autoglorificação dos

senhores os escravos converteram as características que *tinham de* demonstrar em virtudes (YOUNG, 2014, p. 569, grifos do autor).

Essa mudança de perspectiva foi decisiva para fundamentar a moral ocidental segundo Nietzsche. O método genealógico utilizado por Nietzsche facilita a exposição de oposição, sem a necessidade de tomar partido desta ou daquela casta: o método revela, de um modo histórico-genealógico o que está na base dos valores, ou seja, a pura expressão da vida, ou o ressentimento como vontade de negar os valores que afirmam a vida. Mas não somente isso. Revela também como a astúcia do sacerdote travestiu o sentimento de ódio e vingança contra a moral cuja diferença se expressa nas individualidades poderosas com o nome de amor³, e com isso tirou o melhor proveito de uma situação difícil.

O tipo de filosofia do qual Nietzsche se propõe, como também seu tipo de naturalismo, se caracteriza pelo resgate da fluidez dos signos na história, isto é, dar outra interpretação para aquilo que se consagrou como “verdade” em oposição aos conceitos “estáticos” da metafísica. Em suma, como revela Foucault, a proposta é “reintroduz no devir tudo o que se tinha 51 acreditado imortal no homem” (FOUCAULT, 2012, p. 71). O ceticismo de Nietzsche torna saudável a água parada e insalubre da moral hegemônica. Ao reestabelecer o conflito, a crítica, o movimento, Nietzsche recompõe a disputa pelo princípio *agonístico*, o contrário da pacificação que o filósofo assimilou do poeta grego Homero como sua tática de combate à moral. Pois é justamente na disputa entre diferentes visões de mundo que o jogo continua com energia. É no âmbito do devir que a história “real” da moral se apresenta sem a “essência” e sem sua pretensão de universalidade ou validade absoluta, princípio tão característico da moral judaico-cristã.

A genealogia, portanto, se configura como uma abordagem de reinterpretação dos “conceitos morais”, em termos de sua história processual. A necessidade que se apresenta, aos olhos de Nietzsche, de uma reavaliação do valor dos valores morais é posta enquanto método de

³ O lapso de São Tomás de Aquino em *O livro das revelações* corrobora o que Nietzsche chama de “ódio eterno” da moral escrava por trás do “amor cristão” ao remeter a vingança do ideal ascético da vida após a morte, Aquino diz: “os abençoados no reino dos céus verão as penas dos danados, para que sua beatitude lhes dê maior satisfação” (NIETZSCHE, 1998, p. 40).

diversas perspectivas como parte daquilo que ele entende como filosofia do futuro. O olhar diversificado, complementado pela história e pelas ciências podem prosseguir rumo a uma reinterpretação e a uma revisão mais abrangente dos valores morais em questão. O pressuposto fundamental da genealogia é que a moral judaico-cristã não é a moral que traduz o núcleo da “verdade” eterna da moralidade, mas sim, apenas uma moral dentre outras possibilidades históricas de muitas morais possíveis.

3. PROJETO DE NATURALIZAÇÃO DA MORAL

O interesse em pensar uma ética a partir de uma visão naturalista é bastante antigo na história da filosofia. Já nas escolas helenísticas, encontramos a ética epicurista fundamentada na teoria dos átomos de Demócrito, segundo a qual a condição para a vida feliz passa pela compreensão do funcionamento interno da natureza. Em oposição à concepção dos epicuristas, mas com o mesmo foco naturalista, a ética estoica indentifica a teoria, ou o Theoria “*theion*” “divino” (*orao*) “vejo” como contemplação da ordem cósmica, isto é, ver o divino e contemplar o divino na natureza, para esses filósofos, significa desvelar a verdade (*aletheia*) de sua essência que é (*kósmos*) “ordem”, ou seja, a instuição como paradigma da vida boa natural como uma harmonia justa, bela e boa. Sendo o intelecto humano uma parcela da razão universal, por consequência, a nossa natureza nos põe em harmonia com o mundo vivendo de acordo com a razão. 52

Em oposição a essa ordem cósmica do mundo, o projeto de naturalização da moral para Nietzsche não significa fazer um simples decalque de cunho mimético da natureza. A originalidade de Nietzsche se destaca pela desconstrução realizada através do método genealógico de todos os ideais, de toda pretensão de realidade que seja mais verdadeira do que essa em que vivemos. No aforismo 186 de *Além do bem e do mal* (1886), Nietzsche apresenta o estudo natural da moral como um sítio arqueológico onde os fragmentos fósseis das morais arcaicas são analisados e classificados de acordo com seu tipo.

Deveríamos, com todo rigor, admitir *o que* se faz necessário por muito tempo, *o que* unicamente se justifica por enquanto: reunião de material, formulação e ordenamento conceitual de um imenso domínio de delicadas diferenças e sentimentos de valor que vivem, crescem, procriam e morrem - e talvez tentativas de tornar evidentes as configurações mais assíduas e sempre recorrentes dessa cristalização viva - como preparação para uma *tipologia* da moral. Sem dúvida: até agora ninguém foi modesto a esse ponto (NIETZSCHE, 1992, p.85, grifos do autor).

A modéstia a que Nietzsche faz referência diz respeito ao limite gnosiológico do conhecimento humano, uma vez que não existem “fatos eternos” no mundo natural. Vista por esta perspectiva, não existe uma teleologia nem fins imanentes que possam nos assegurar uma “ordem” estável das formas, pois tudo veio a ser. Semelhante ao dinamismo do mundo natural, os valores não passam de uma solução temporária e provisória diante do fluxo ininterrupto da história natural da vida.

De fato, as descobertas científicas do meio intelectual em que Nietzsche está inserido traçam um encaminhamento no processo de naturalização da moral, isto é, não foi possível ignorar Charles Darwin e suas descobertas a respeito da origem do homem⁴. No aforisma 49 de *Aurora* (1881), Nietzsche assevera: “antigamente buscava-se chegar ao sentimento da grandeza do homem apontando para a sua *procedência* divina: isso agora é o caminho interdito, pois à sua porta se acha o macaco [...]” (NIETZSCHE, 2004, p. 43). A antropologia natural do homem enfatiza o que há muito tempo os filósofos metafísicos relutam em reconhecer, isto é, de que o homem veio a ser, assim como sua capacidade cognitiva diretora. A razão nada mais é que um instrumento adaptativo que necessariamente não faz uma cisão absoluta com as outras espécies. Esta é tanto uma constatação filosófica quanto biológica. Charles Darwin assevera em *A Origem do Homem* (1871):

53

⁴ O livro *A Origem do Homem* publicado por Charles Darwin em 1870 relaciona abertamente o macaco e o homem como espécimes diferentes, mas com uma mesma linhagem genealógica. O impacto filosófico dessa obra se acentua na abordagem sobre as origens do homem como um organismo inserido no todo da natureza, e não mais uma criação estranha a ela.

O que nos faz hoje hesitar perante esta conclusão não é mais do que os nossos preconceitos naturais e a arrogância dos nossos antepassados ao pensar que descendiam de semideuses. Mas brevemente chegará o tempo em que, estupefatos, tentaremos perceber como é que os naturalistas atuais, que estavam extremamente familiarizados com a estrutura e o desenvolvimento comparado do Homem e dos outros mamíferos, puderam alguma vez acreditar que cada um deles foi objeto de um ato separado da criação (DARWIN, 2009, p.45).

Os elementos primordiais do naturalismo de Nietzsche são sustentados na aceitação das consequências filosóficas fundamentais do pensamento de Darwin, isto é, que o homem e todo o resto da vida orgânica se originou a partir de um processo histórico de evolução. Aceito esse pressuposto, a única causa possível é a causa eficiente. Concepção que rejeita a explicação teleológica da causa final.

Desde a antiguidade com Aristóteles, como também na modernidade, os seres vivos eram vistos pela perspectiva de que uma finalidade que governava a sua existência e sua atuação no mundo. Assim, dizemos ainda hoje, por comodidade, que o olho foi um órgão feito para ver, quando o **54** mais correto seria afirmar que a visão é uma experiência tornada possível pelos efeitos do qual o olho foi naturalmente submetido pela seleção natural, em suma, ele não foi criado, mas veio a ser. Isto quer dizer que não existem propósitos na natureza, muito menos intencionalidade a partir de meios e fins. A ordem que experimentamos é apenas uma solução temporária na história natural da vida, ademais, os seres vivos não possuem razão de ser para além da afirmação orgânica da luta pela sobrevivência. Falar em finalidade significa conceber um artífice capaz de planejar, desenhar e executar com intencionalidade a existência de algo para determinado fim, e pressupõe imutabilidade eterna.

Não há substâncias que duram eternamente; a matéria é um erro tal como o deus dos eleatas. Mas quando deixaremos nossa cautela e nossa guarda? Quando é que todas essas sombras de Deus não nos obscurecerão mais a vista? Quando teremos desdivinizado completamente a natureza? Quando poderemos começar a *naturalizar*

os seres humanos com uma pura natureza, de nova maneira descoberta e redimida?” (NIETZSCHE, 2001, p.136, grifos do autor).

A tarefa que se apresenta é a de “desdivinizar” a natureza, rejeitar o além e desconsiderar a transcendência em nome da imanência. Dentre essas rejeições se encontram as noções de alma imaterial, de uma vontade absolutamente livre ou puro intelecto transparente a si mesmo, é “retraduzir o homem de volta à natureza; triunfar sobre as muitas interpretações e conotações vaidosas e exaltadas, que até o momento foram rabiscadas e pintadas sobre o eterno texto *homo natura*;” (NIETZSCHE, 1992, 138). Nietzsche enfatiza o corpo, discute a natureza animal do humano e procura explicar inúmeros fenômenos recorrendo a impulsos, instintos e afetos que localiza em nossa existência física corpórea natural.

A oposição que distingue o pensamento de Nietzsche dos genealogistas ingleses e de Paul Rée, é a noção de que não existe ações totalmente desinteressadas e que as paixões são por natureza egoístas. Nesta perspectiva, uma ação moral altruísta seria apenas uma sublimação, uma fachada, para uma motivação naturalmente egoísta⁵. Não escapa aos olhos de Nietzsche o lapso genealógico de Paul Rée ao “naturalizar” a moral aderindo a moral da compaixão de Schopenhauer, que aos olhos de Nietzsche significa o adoecimento da cultura. 55

Tratava-se, em especial, do valor do “não-egoísmo”, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, que precisamente Schopenhauer havia dourado, divinizado, idealizado, por tão longo tempo que afinal eles lhe ficaram como “valores em si”, com base nos quais ele disse *não* à vida e a si mesmo. Mas precisamente contra *esses* instintos manifestava-se em mim uma desconfiança cada vez mais radical, um ceticismo cada vez mais profundo! Precisamente nisso enxerguei o *grande* perigo para a humanidade, sua mais sublime sedução e tentação

⁵ O evolucionista Richard Dawkins no seu livro *O gene egoísta* mostra do ponto de vista natural biológico, como a lei do egoísmo rege os genes na luta pela sua preservação de forma tirânica. O problema filosófico que surge dessa visão *natural* do homem - problema que Nietzsche discute desde a genealogia -, são as consequências psicológicas do embate entre a inclinação natural e biológica do homem como um ser radicalmente egoísta e o surgimento da consciência moral. Nietzsche e Freud são uníssomos em afirmar que a moral originária da vida gregária proporcionou uma desnaturalização do homem e a conseqüente interiorização de impulsos violentos. Sobre essa chave de leitura, FREUD, *O mal-estar na civilização*. (2011).

- a quê? ao nada? -; precisamente nisso enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, vontade que se volta *contra* a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos. (NIETZSCHE, 1998, p. 11, grifos do autor).

A moral representa para Nietzsche, moral aqui entendida como designação de valores absolutos, um dos fatores que separariam o homem de sua natureza. Pensando nestes termos, Nietzsche não reconhece nenhum valor que não tenha por finalidade o aumento do sentimento de potência no homem. Essa postura evidencia a pertinência de sua reflexão contra a moral hegemônica, moral discutida em sua forma ascética, dualista, que bebe da fonte do platonismo e é prolongada pelo cristianismo.

4. CONCLUSÃO

Ao anunciar “a morte de Deus” Nietzsche constata a ruína dos valores da moral judaico-cristã que outrora dava sentido ao mundo. Criticar a fonte divina dos valores significa retirar a distinção entre o mundo aparente e o mundo verdadeiro e evidenciar que a natureza transcendente é uma falsa interpretação fundada nesta distinção. Nesse sentido, o conceito de Deus moral e transcendente é uma objeção à existência histórico-natural na medida em que sua estrutura é colocada fora da vida. 56

O desafio proposto por Nietzsche é a noção anteriormente discutida da “desdivinização” da natureza a partir dos vários olhares e perspectivas, tanto das ciências como da história, visando uma reinterpretação naturalista de todas as coisas humanas. O método genealógico, em síntese, se configura como uma empreitada de reavaliação do valor dos valores existentes e justificadores da moral moderna. A aplicação da genealogia carrega uma desconfiança no valor absoluto desta ou daquela tábua de valores, a partir de então, a tarefa dos filósofos – para o qual Nietzsche abriu o caminho – é problematizar o valor e a hierarquia dos valores. Esta problematização prepara o intelecto para o que Nietzsche denomina de futura objetividade

filosófica, apontada brevemente no presente texto, como uma agenda de discussões pós-metafísica sobre a vida e o mundo.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. [Edição original: 1887].

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [Edição original: 1883-85].

_____. **Além do bem e mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. [Edição original: 1886].

_____. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. [Edição original: 1881].

_____. **A gaia ciência**. 1ºed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. [Edição original: 1882].

_____. **Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: companhia das letras, 2000. [Edição original: 1878]. (v. I).

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**. Lisboa: Relógio D'água, 2009.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel de. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 54-86.

FREZZATTI JR., Wilson Antonio. **Nietzsche contra Darwin**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MARTON, Scarlet (ORG.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.

RÉE, Paul. **A origem dos sentimentos morais**. São Paulo: Unifesp, 2018.

WOTLING, Patrick. **Le vocabulaire de Nietzsche**. Paris: Ellipses, 2001.

YOUNG, Julian. **Friedrich Nietzsche: uma biografia filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

José Carlos Silva Rocha Costa

<http://lattes.cnpq.br/8168093696449788>

58